

## **Imagens da África e dos africanos no currículo da escola de educação básica**

WALDECI FERREIRA CHAGAS\*

Este trabalho é parte de uma pesquisa maior onde investigamos a interface do saber acadêmico com o saber escolar, e nele discutimos as imagens da África e dos africanos recorrentes no imaginário de estudantes calouros do curso de História da UEPB – Campus de Guarabira, e que são egressos da escola pública.

Interessamos-nos por esta temática, porque o ensino dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas da educação básica desde 2003 é obrigatório, conforme a lei 10.639/003. Desta feita, para dirimir o fazer dos (as) professores (as) com relação a esses conteúdos em 2004 o MEC lançou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e em 2010 o Plano Nacional de Implementação dessas diretrizes.

Além da obrigatoriedade; ensinar esses conteúdos se constituiu um desafio para os (as) professores (as) de História, Literatura, e Artes em virtude de durante muitos anos tais conteúdos terem permanecido ausentes do currículo escolar e inclusive da formação de muitos deles (as), o que faz com que alguns demonstrem pouca intimidade com a história da África e dos africanos e afirmem não estarem preparados para ensinar tais conteúdos.

Apesar de a lei 10.639/003 se referir ao currículo das escolas da educação básica como lócus principal para a inserção e ensino dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana, e ter instituído algumas áreas de conhecimento como espaço de discussão, a exemplo da História, Literatura e Artes, isso não implica dizer que os demais campos do conhecimento e os (as) professores (as) neles envolvidos estejam excluídos desse processo. Essa prerrogativa também se estende as Instituições de Ensino Superior, visto que essas são responsáveis por,

{...} fomentar o apoio técnico para a formação de professores (as) e outros (as) profissionais de ensino que atuam na escola da educação básica, considerando todos os níveis e modalidades de ensino, para a Educação das Relações Étnicorraciais (Plano Nacional de Implementação das Diretrizes

---

\* Doutor em História pela UFPE, Professor de História da África e História do Brasil República junto ao Departamento de História da UEPB-Campus de Guarabira. Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UEPB).

Apesar de lidar com o ensino de História da África e dos africanos no Curso de Graduação em História de uma universidade pública, neste trabalho nos atemos a discutir o ensino de história da África e dos africanos na escola da educação básica, bem como as imagens sobre esse continente e seu povo presentes no imaginário dos estudantes calouros do Curso de História da UEPB-Campus de Guarabira, principalmente os egressos da escola pública.

De certo modo dialogamos com os dois níveis de ensino, sobretudo, porque, revisitamos as memórias dos estudantes calouros do Curso de História, sobretudo dos que cursaram o ensino médio na escola pública entre os anos de 2003 a 2010. A opção por esse espaço temporal se deve ao fato de em 2003 a lei 10.639 ter sido sancionada pelo presidente da República do Brasil e de em 2010, sete anos após o sacionamento dessa lei o mesmo presidente lançou o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Esses dois eventos marcantes no processo de efetivação da educação etnicorracial em todo país, causou certo frenesi entre os (as) professores (as) das escolas públicas. Para assegurar a efetivação desse processo a partir de 2003 o MEC passou a distribuir uma série de publicações versando sobre a história e cultura afro-brasileira e africana. O propósito fora dotar as escolas públicas de material didático, de modo que os (as) professores (as) tivessem acesso e assim efetivassem no currículo escolar o que demanda a lei 10.639/003.

A partir dessa nova demanda imposta às escolas e ao corpo docente, algumas questões são pertinentes, tais como. Que imagens estudantes e professores (as) da educação básica possuem acerca da África e dos africanos? A história da África está sendo ensinada nas escolas da educação básica? Que história da África está sendo ensinada? Que materiais didáticos os (as) professores (as) estão utilizando para ensinar a história da África e dos africanos?

Todavia, antes de adentrarmos a discussão central deste trabalho faremos algumas incursões acerca de duas experiências de ensino dos conteúdos de história da África e dos africanos identificadas em duas escolas públicas, na região de Guarabira.

A análise dessas experiências são relevantes, porque as imagens da África e dos africanos presentes no imaginário dos estudantes calouros do curso de História possuem relação com tais experiências, ou seja, de certo modo, elas são reflexos, do que os (as) professores (as) na educação básica estão ou não executando com relação ao ensino de história da África e dos africanos.

Para análise das imagens da África e dos africanos presentes no imaginário dos estudantes calouros do Curso de História da UEPB, recorreremos ao diálogo com sessenta (60) deles que ingressaram no curso de História da UEPB em 2010 e passaram a cursar a disciplina História da África.

Embora desde 2003 às imagens da África e dos africanos expressa pelos estudantes calouros do curso de História, venham nos chamando à atenção, dada a complexidade de problemas expressos, neste texto optamos pela turma de 2010, porque nesse ano a lei 10.639/003, completou dez anos, e a maioria dos estudantes que participou da pesquisa concluiu o ensino médio e em seguida foi aprovado no vestibular.

Logo, a nossa hipótese é a de que muitos deles tenham lidado com algum conteúdo de história da África e dos africanos durante a trajetória do ensino médio e ainda e ainda guardem na memória alguns aspectos do que os (as) professores (as) de História lhes ensinaram.

Logo, analisar as imagens da África e dos africanos a partir do imaginário dos estudantes calouros do curso de História é uma possibilidade de discutir como a escola da educação básica na região de Guarabira está lidando com esses conteúdos e perceber se eles estão sendo implementados a contento no currículo escolar? Que conteúdos de história da África e dos africanos os estudantes aprendem nas aulas de História da educação básica, principalmente no último ano do ensino médio? Quais são as condições que os (as) professores (as) de História dispõem para efetivação de tais conteúdos no currículo escolar?

Para a realização da pesquisa usamos da seguinte estratégia: antes de os estudantes calouros do curso de História lidar com o conteúdo pertinente ao componente curricular História da África, pedimos que eles (as) escrevessem sobre o que estudaram no ensino médio sobre história da África e dos africanos.

## **DA QUI, DAR PRA VÊ A ÁFRICA?**

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana tem o propósito de estimular os (as) professores (as) e gestores (as) da rede pública de ensino a implementar no currículo das escolas da educação básica os conteúdos demandados pela lei 10.639/003, ou seja, a história e cultura afro-brasileira e africana, haja vista o Ministério da Educação ter reconhecido que esses conteúdos ainda não fazem parte do currículo da maioria das escolas públicas e particulares do país. O principal propósito com o tal plano fora aproximar o Brasil da África, o que quer dizer inserir os conteúdos de história da África e dos africanos no currículo escolar e cotidianamente na prática docente em sala de aula.

Todavia, isso não significa dizer que até 2010, quando se deu o lançamento do Plano nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares do país, nada tenha sido realizado com relação ao ensino dos conteúdos de história da África e dos africanos. Algo fora feito, mas não a contento como demandam as tais diretrizes e o plano nacional que as implementam.

As experiências espalhadas pela Paraíba afora, apesar de bem sucedidas, poucas delas são decorrentes de políticas públicas, haja vista, o fato de ainda haver secretários municipais de educação que desconhecem a existência da lei 10.639/003 e a obrigatoriedade dos gestores (as) e professores (as) de implementar no currículo escolar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana.

Dentre as ações identificadas, geralmente elas são resultados da intervenção pessoal de um (a) ou outro (a) professor (a), numa ou noutra escola e especificamente das áreas de História, Literatura e Artes. Mesmo que algumas escolas públicas tenham desenvolvido ações bem sucedidas, elas ainda trabalham os conteúdos de história da África e dos africanos de modo isolados dos outros conteúdos e áreas de conhecimento. Outra característica é o fato de não haver continuidade dos conteúdos e de eles serem colocados como parte da programação de atividades extracurriculares, a exemplo da Semana Cultural e Semana da Consciência Negra.

Poucas experiências são decorrentes de política pública, visto que comumente os (as) professores (as) não passaram por formação específica ou a escola não dispõe de

material didático suficiente a todos (as) professores (as), a exemplo do kit “A cor da cultura”. É comum encontrarmos nas escolas apenas um exemplar desse material, o que tem desestimulado os (as) professores (as) a atuarem de modo mais efetivo.

Todavia, não somos contrários à proposta dos conteúdos de história da África e dos africanos serem trabalhados nas semanas culturais e da consciência negra, o problema está no fato deles só serem tratados nesses momentos. Eis a questão que gestores (as) e professores (as) precisam discutir e superar, sobretudo, porque realizar uma única ação durante o ano letivo versando sobre história da África e dos africanos não significa dizer que os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana estejam inseridos no currículo escolar.

Em algumas escolas públicas localizadas na região de Guarabira identificamos experiências com os conteúdos de história da África e dos africanos, consideradas êxitosas. O problema dessas experiências está no fato de esses conteúdos terem sido trabalhados apenas durante a Semana Cultural, e como fruto de um determinado grupo de estudantes, sob orientação de um (a) professor (a) de História, Literatura, ou Artes. Ou pelo conjunto de estudantes e professores (as) da escola, mas restrita a Semana Cultural ou Semana da Consciência Negra, realizada por ocasião do dia Nacional da Consciência Negra em 20 de novembro.

Na primeira experiência identificada numa escola pública que aqui denominamos, de “Escola A”, a África e os africanos foram objetos de discussão de um grupo de estudantes do 3º ano do ensino médio. Sob orientação de um Professor de História eles trouxeram as questões sociais, políticas e econômicas da África através de exposições orais, cartazes, e exibição de vídeo. Os trabalhos foram apresentados numa única tarde da semana e integraram a programação da Semana Cultural promovida pela escola.

Quando perguntamos aos (as) professores (as) de História da “Escola A” se eles (as) trabalham a história da África e dos africanos em outros momentos do ano letivo, o Professor do 3º ano informou que não. Segundo esse professor os conteúdos referentes à África e aos africanos ficaram entre aqueles a serem visto fora do conteúdo programático de História, visto ser uma discussão nova, o que ele e os demais colegas consideraram relevante trabalhar na Semana Cultural, pois durante esse evento o (a) professor (a) é livre para trabalhar com sua turma o conteúdo que escolher.

Ao justificar o fato de a história da África e dos africanos terem sido trabalhados apenas na Semana Cultural, disse que “os (as) professores (as) geralmente costumam trabalhar aqueles conteúdos poucos ou nunca contemplados em sala de aula ou aqueles que estão associados a uma questão da atualidade”, como foi o caso da África. Afirmou que a Copa do mundo de 2010, na África do Sul foi o mote da questão, pois em função desse evento, a mídia colocou o continente africano em evidencia no mundo.

Em virtude da Copa do Mundo de Futebol de 2010 ter sido realizada na África do Sul, o continente Africano e em especial o país África do Sul, sede da copa se transformou em manchete na imprensa nacional e internacional.

Logo, o bombardeio de notícias sobre a África do Sul despertou o interesse dos estudantes pelo país da Copa, o que levou o Professor “A” estender o desejo dos estudantes a todo continente africano. Afora isso, lembrou o fato de haver uma lei, a 10.639/003 que obriga as escolas da educação básica a ensinar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana. Nesse sentido, como a história da África e dos africanos é parte dessa obrigatoriedade, uniu a questão da copa e passou a trabalhar com os alunos (as).

A partir de então, o Professor em apreço, assim como as suas turmas se sentiram estimulados a estudar sobre a história da África e dos africanos. No entanto, ressaltou que esses conteúdos ainda não estão incluídos no currículo da escola. Como ele considera-os importantes resolveu trabalhá-los com as suas turmas durante a Semana Cultural.

Mesmo tendo sido estimulado a trabalhar com a história da África e dos africanos a partir do fato de a Copa do Mundo de Futebol de 2010 ter sido realizada na África do Sul, o Professor em apreço demonstrou interesse que tais conteúdos tenham continuidade nas escolas da rede pública de ensino e não fiquem limitados apenas a um evento futebolístico mundial. A partir dos conteúdos que os alunos (as) do Professor A apresentaram durante a Semana Cultural, ele espera tenha:

Chamado a atenção de toda a escola para a importância de os estudantes aprenderem sobre a história da África e dos africanos, visto que esse continente e sua população têm um grande valor na história do Brasil e dos brasileiros. Afinal todos nós brasileiros temos a vê com a África e os africanos, pois de lá vieram os povos e os elementos que ajudaram a formar

o povo brasileiro e a nossa cultura (Conforme entrevista concedida pelo Professor de História, do 3º ano, da Escola A).

Embora o Professor de História do 3º ano, da “Escola A”, não tenha detalhado os conteúdos de história da África e dos africanos trabalhados com seus alunos, disse que a partir das regiões geográficas: África do Norte, África Ocidental, África Oriental, África Central e África do Sul, orientou os alunos (as) a pesquisarem os aspectos sociais, políticos, e econômicos dos africanos em cada uma das regiões. Como fontes de pesquisas foram indicadas internet, os livros didáticos e para didáticos disponíveis na biblioteca da escola.

Portanto, os alunos (as) trouxeram um panorama ora pitoresco, ora factual do continente africano, sobretudo, da contemporaneidade e algumas questões foram valorizadas, tais como a pobreza, as guerras civis, a beleza natural, a riqueza mineral, vegetal e animal, a fome, a AIDS e a seca. Assim os aspectos negativos dividiram espaços com alguns pontos positivos, embora os estudantes tenham ressaltado os negativos, como se na África não houvesse tecnologia, progresso e desenvolvimento.

No geral percebemos pouca ou nenhuma crítica do professor e dos estudantes com relação às imagens e informações encontradas. Embora alguns relacionassem a realidade social e econômica da África e dos africanos, a exploração que os países europeus exerceram sobre esse continente não conceberam os africanos como sujeitos historicamente ativos, mas vítimas da sua própria história, ou seja, os estudantes ao se depararem com a realidade social e econômica dos africanos foram sentimentalistas. Para tanto, apontaram os antigos conflitos étnicos e as guerras civis como responsáveis pela pobreza da África e dos africanos.

Além disso, prevaleceu à compreensão da pobreza como condição comum a toda extensão do território africano, algo que está associada às guerras civis.

Numa outra compreensão os estudantes associaram as condições sociais e econômicas da África aos fenômenos naturais, como clima seco, desértico, solo pouco fértil, e o desmatamento desordenado.

A idéia recorrente no imaginário dos estudantes é a de que os africanos sempre viveram imersos a realidade degradante, cujas imagens estão expostas e cristalizadas nos livros didáticos de História e também são disseminadas nos meios de comunicações,

em especial a TV. Poucos deles perceberam saída para a África e os africanos, portanto, conceberam-nos como um povo e um continente fadado ao insucesso.

Apesar de o Professor de História da “Escola A” ter iniciado o conteúdo de história da África a partir das “regiões geográficas”. No geral identificamos uma tendência à homogeneizá-la e aos africanos também, como se fosse um povo só, agregado no vocábulo africano, desconsiderando assim a diversidade étnica, mas, sobretudo, as várias Áfricas existentes.

Na segunda experiência identificada na “Escola B”, os conteúdos de história da África e dos africanos também foram temas de discussão durante a Semana Cultural. No entanto, diferente da primeira experiência, na segunda, a África e os africanos foram à discussão central do evento.

Logo, os conteúdos de história da África e africanos foram comuns a todas as áreas de conhecimento, a exemplo de História, Artes, Geografia, Literaturas, Línguas, Ensino Religioso, Ciências, e Matemática. Nessa experiência os (as) professores (as) nas suas respectivas áreas de saber orientaram os estudantes a pensarem/refletirem sobre a África e os africanos antes e depois do contato com os europeus, o que lhes possibilitou trazerem para a escola a África nos seus vários aspectos, além das diversas Áfricas.

Assim estudantes e professores (as) tiveram a oportunidade de ampliar o leque de informação sobre a África e os africanos fugindo ao estereótipo cultural que insiste em associá-las unicamente as artes, a exemplo da dança, música, cerâmica, e culinária.

Todos os estudantes e professores (as) da “Escola B” que se envolveram na Semana Cultural puderam, por exemplo, pensar a África a partir da filosofia, tecnologia, medicina, ou seja, refletir sobre o pensamento científico africano e sua presença na história da humanidade. Fugindo assim a imagem recorrente na mídia, onde a África ainda é posta como “terra tenebrosa e habitada por um povo exótico”.

Contrapondo-se a essa imagem, estudantes e professores da “Escola B” ainda ressaltaram o fato de a África ter sido “palco da primeira revolução tecnológica da história: a passagem da caça e da colheita de frutos silvestres à agricultura” (NASCIMENTO, 2008, p. 62).

Diferentemente da experiência de ensino de história da África e dos africanos desenvolvida pelos estudantes e professor da “Escola A”, a da “Escola B” trouxe uma

abordagem crítica, sobretudo, porque não negou a riqueza cultural dos africanos nas artes e sua presença na formação cultural das varias civilizações.

Todavia, não ficaram limitados ao aspecto artístico, ou seja, ampliaram o conceito de cultura para além das expressões artísticas, e a entenderam, como sendo “... a expressão global da existência humana no mundo” (Vannucchi, 2005, p.23). Um exemplo disso foi o destaque que atribuíram à cultura egípcia, visto que,

de fato, a cultura e a ciência egípcias foram as primeiras pedras fundamentais de toda a civilização ocidental. A astronomia egípcia era tão avançada que, em 4240 a.C., já havia desenvolvido um calendário mais exato do que o ocidental contemporâneo. As pirâmides comprovam o conhecimento e a prática de arquitetura, engenharia e matemática, ou seja, a alta tecnologia africana de quase cinco mil anos atrás. Os papiros de Ahmes e de Moscou mostram o desenvolvimento da matemática abstrata no Egito treze séculos antes de Euclides. Milênios antes de Hipocrates, os verdadeiros fundadores da medicina foram Atóis - filho de Menés, o primeiro faraó do Egito unificado -, que praticava por volta de 3200 a.C; e Imhotep, que, por volta de 2700 a.C, realizava investigações em vários campos, inclusive na medicina. Os papiros Smith (1650 a. C) e Ebers (2600 a.C) registram o legado desses antigos cientistas africanos, demonstrando seu conhecimento de quase todas as áreas da medicina moderna (NASCIMENTO, 2008, pp.64/65).

Nesse sentido professores (as) e estudantes entenderam cultura como um conjunto de preceitos que são repassados a outrem por diversas formas, seja oral, (como é o caso de algumas etnias africanas, cujas tradições são repassadas pelos idosos aos mais novos) ou por transmissão a partir de planos pedagógicos e científicos.

No entanto, nem sempre professores (as) e estudantes enxergam a África na sua diversidade e complexidade de relações entre si e as outras civilizações. Talvez por ainda enxergarem-na com os olhos do ocidente.

## **A ÁFRICA ESTÁ EM NÓS?**

Comumente os (as) professores (as) de História afirmam que a cultura, a economia e o povo brasileiro possuem relação direta com a África e os africanos, uma vez que desse continente os colonizadores portugueses trouxeram homens e mulheres que aqui foram inseridos no trabalho escravo e por via da escravização dos seus corpos ajudaram a construir as riquezas do Brasil. Nessa perspectiva, a África está em nós. Eis a questão.

Essa assertiva tão comum no imaginário dos (as) brasileiros (as) durante anos parece ter contentado a todos (as), visto que não os incomodava, o pouco ou nenhum conhecimento sobre a África e os africanos.

A partir de 2003 estudantes e professores (as) continuaram a repetir a velha máxima, na relação do Brasil com a África, mas despertaram para o fato de que pouco ou nada eles sabiam sobre esse continente e seu povo. A real situação passou a incomodar alguns, sobretudo, porque o Brasil tem tudo a vê com a África, conforme Paulo Vaz & Cissa, compositores do bloco Afro Ilê Ayê, da Bahia desde outrora expuseram na canção “Heranças bantos”,

Eu vim de lá  
Aqui cheguei  
Trabalho forçado  
todo tempo acuado  
sem ter a minha vez (Bis)

Dos grandes lagos  
Região em que surgiu  
Os Bancongos, os Bundos,  
Balubas, Tongas, Xonas, Jagas Zulus  
Civilização Bantu, que no Brasil concentrou  
Vila São Vicente, canavial de presente,  
Pau Brasil, Salvador.

Cada pedaço de chão,  
cada pedra fincada,  
um pedaço de mim  
Ilê Aiyê  
O povo Bantu ajudou  
a construir o Brasil.

Pedra sobre pedra  
Sangue e suor no chão  
agricultura floresce,  
metalurgia aparece,  
Candomblé, religião

Irmandade Boa Morte  
Rosário dos Pretos, Zumbi lutador  
Liderança firmada,  
que apesar do tempo, o vento não levou.

Um legado na dança

Influência no linguajar,  
sincretismo na crença,  
na culinária o bom paladar  
Tristeza Palmares, Curuzu alegria,  
Ilê Aiyê Liberdade Expressão Bantu  
viva da nossa Bahia.

Embora o poema da canção “heranças bantos” retrate a presença africana na formação do Brasil, e na contemporaneidade. O conhecimento dos (as) brasileiros (as) acerca da história da África e dos africanos, ainda está em construção.

Todavia, é fato que a África está em nós, ou seja, na nossa matriz cultural, mas ainda não conseguimos enxergá-la, ou enxergamos uma África com a qual não queremos nos identificar. Nesse sentido, são pertinentes as questões: Que África está em nós? Ou seja, que África estudantes e professores (as) estão inventando nas salas de aula?

As imagens da África e dos africanos recorrentes no universo imaginário dos estudantes calouros do Curso de História revelam se esses conteúdos estão ou não sendo inseridos no currículo da escola de educação básica, a abordagem com que os (as) professores (as) estão trabalhando os conteúdos. Elas também são denotativas da compreensão eurocêntrica de História presente no imaginário dos (as) professores (as), uma vez que é comum eles (as) fazerem referências a África e aos africanos a partir do século XV, quando então se deu o contato entre as civilizações africanas e européia, e a modalidade de escravidão, considerada moderna fora imposta aos africanos.

Do total de sessenta estudantes calouros do Curso de História, todos revelaram nunca ter estudado sistematicamente a história da África e dos africanos durante as suas trajetórias pela educação básica. Lembraram que no ensino médio, os professores (as) fizeram menção ou trabalharam alguns aspectos da África, mas nada de modo sistematizado e continuado, assim como estudaram as várias questões relacionadas à história da Europa e dos europeus.

Conforme nos revelaram os estudantes interlocutores na pesquisa, as menções sobre a África e os africanos no ensino médio, de certo modo, sempre apareceram associadas aos temas que diziam respeito às ações dos europeus no mundo. Dentre eles a escravidão se destacou; como se essa prática tivesse sido vivenciada apenas pelos africanos.

Nesse sentido, ficou a imagem da África, como sendo a “terra de escravo” e que de lá vieram os escravos que construíram as riquezas do Brasil, conforme está evidenciado no trecho da resposta formulada pelo estudante A: “estudamos que a África era o local de onde vieram os escravos para trabalhar nos canaviais do Brasil durante o período colonial”.

O estudante B nos revelou o seguinte: “nunca estudei nada da África, porém só estudei a escravidão na África”.

As respostas revelam que trabalhar a temática da escravidão como conteúdo de história da África, no cotidiano da sala de aula, exige que o (a) professor (a) faça algumas reflexões pertinentes: a primeira diz respeito ao fato de que a escravidão praticada pelos africanos não fora à mesma que os europeus praticaram nas Américas, a segunda reflexão a ser feita é a crítica a afirmação de que os africanos fizeram uso da escravidão antes mesmo do contato com os europeus. Mesmo que essa afirmativa seja valorizada ela não é suficiente a confirmar a África como “terra de escravos”, haja vista, a condição da escravidão na África, não está associada à escravidão de que fala a história ocidental. Ou seja, são duas práticas distintas que exigem a atenção do (a) professor (a) quanto a questionar o que era ser escravo na África tradicional? A explicação dessa questão é importante para que não se responsabilize os africanos pela imposição da escravização em África. Todavia, quando não se explica o que fora a escravidão em África,

{...} tenta-se justificar a ação do Ocidente no empreendimento escravista pela cumplicidade dos chefes e reis africanos no tráfico. O pressuposto inconfesso é que o Ocidente não poderia ser responsabilizado isoladamente. Claro é que não seria possível negar a participação das chefias africanas nesse fato. Mesmo assim, seria absurdo tentar minimizar o papel pioneiro do mundo mercantil em expansão nos eventos brutalizantes que gerenciaram um processo de transmigração compulsório de enorme contingente humano,

calculado em cerca de 15 milhões de africanos, só para as Américas. (SERRANO & WALDMAN, 2007, p.161). Grifo nosso.

Revedo a memória dos sessenta estudantes do Curso de História que participaram da pesquisa acerca da imagem da África e dos africanos nas aulas de História da educação básica, nos deparamos com um tipo de análise simplista acerca da escravidão em África. Dos sessenta participantes da pesquisa, quarenta e oito responderam que os próprios africanos foram responsáveis pela escravidão em África em função de praticarem esse tipo de relação antes do contato com os europeus.

Quando solicitamos aos estudantes que nos escrevessem sobre os conteúdos de história da África e dos africanos estudados durante as aulas de História do ensino médio. A maioria nos respondeu que a escravidão foi o principal conteúdo trabalhado pelos (as) professores (as) de História, conforme nos revelou o estudante C quando disse, “o único aspecto abordado em relação à África foi o fluxo de escravos para o Brasil”.

A estudante D, respondeu que os conteúdos de história da África e dos africanos não foram estudados com profundidade, exceto a escravidão. Na sua resposta disse:

Para ser sincera não lembro do que estudei profundamente, lembro mais nitidamente da escravidão dos africanos, do tráfico de escravos para o Brasil e das condições desumanas a que os africanos eram submetidos nos navios negreiros.

O estudante E, disse que apenas estudou “a escravidão que os africanos sofreram durante muitos anos”.

Logo, a compreensão que formularam acerca da escravidão em África não se distanciou da idéia de que os africanos foram os responsáveis pelo sucesso da empresa escravista.

De certo modo, as respostas dos estudantes evidenciam o quanto a África foi naturalizada como “terra de escravos”. Essa questão é problemática, todavia é reveladora do tipo de abordagem que os conteúdos de história da África vêm recebendo nas aulas de História da educação básica. Conforme nos respondeu o estudante C, “o único aspecto abordado em relação à África foi o fluxo de escravos para o Brasil”.

Afora a escravidão, ou prevalece o silêncio com relação a história da África e dos africanos ou os outros conteúdos apontados pelos estudantes estão relacionados ao período contemporâneo, sobretudo, as questões evidenciadas pela mídia, a exemplo da fome, conforme respondeu o estudante F, “o ponto mais evidenciado sobre a história da África sem dúvida foi à questão da expectativa de vida dos africanos, as doenças sexualmente transmissíveis, a exemplo da AIDS, a fome e a miséria social”.

De certo modo, as respostas dos estudantes são reveladoras dos tipos de abordagens que os (as) professores (as) de História vêm dando aos conteúdos de história da África e dos africanos. Elas são preocupantes, haja vista reforçarem o eurocentrismo no ensino de história, haja vista, os (as) professores (as) ainda pensarem a África a partir do contato com os europeus, eis porque a escravidão foi apontada pelos estudantes como o principal conteúdo trabalhado.

Os tipos de respostas também apontam para a necessidade de formação dos professores (as) da educação básica com relação à história e cultura afro-brasileira e africana, sobretudo, no sentido de auxiliá-los a trilhar a história por outras abordagens, que não seja apenas a perspectiva eurocentrica, uma vez que os conteúdos de história da África e dos africanos devem ser trabalhados na perspectiva da educação etnicorracial, o que significa romper com a concepção eurocentrica de currículo, ainda comum as escolas da educação básica.

Outro aspecto relevante, porém preocupante é o modo descontínuo com que os conteúdos de história da África e dos africanos são tratados na escola da educação básica. Como eles são vistos de modo pontual e descontextualizado do currículo não tem continuidade nas unidades e séries seguintes. Geralmente determinado conteúdo acaba sendo visto em apenas um ano letivo, por iniciativa de um único professor (a), a exemplo do que identificamos, no 3º ano do ensino médio. Enquanto nos anos anteriores onde os (as) professores (as) lidam com outras temporalidades históricas, a África e os africanos são suprimidos. Esse tipo de procedimento acaba reforçando no imaginário dos estudantes a idéia de que a África não tem uma história importante que mereça ser estudada a contento, como se estuda a história da Europa e dos europeus.

No entanto, o silêncio, e a omissão, somados a abordagem concedida aos poucos conteúdos vistos em sala de aula são no mínimo perigosos porque continuam passando para o estudante da educação básica a idéia de que só a Europa e os europeus compõem

a história da humanidade, uma vez que a história da África é vista como algo à parte, complementar ou dissociada da história da humanidade.

## REFERÊNCIAS

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea.** São Paulo: Selo Negro, 2005.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira.** São Paulo: Contexto, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília/ SECAD, 2004.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília/SECAD, 2009.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). **A matriz africana no mundo.** São Paulo: Selo Negro, 2008.

SERRANO, Carlos & WALDMAN, Mauricio. **Memória d'África: a temática africana em sala de aula.** São Paulo: Cortez, 2007.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira: o que é, como se faz.** SP: Loyola, 2002.